

Por que não o peroá?

FRANCISCO AURÉLIO RIBEIRO

Vejo pelo jornal, que estão fazendo uma votação, pela Internet, para escolher o(s) símbolo(s) (do) capixaba. Em primeiro lugar, a moqueca. Está bem, concordo. Em segundo, o Convento da Penha. Também concordo. Quanto aos acidentes geográficos, são símbolos mais locais do que estaduais: o Itabira, em Cachoeiro; o Frade e a Freira, em Itapemirim; o Mestre Álvaro, na Serra; o Moxuara, em Cariacica; os Pontões, em Afonso Cláudio; o Pico da Bandeira, no Caparaó, etc.

Agora, escolher o marlim azul (por que não, o branco, mais abundante?) para o símbolo capixaba é, puramente jogada de marketing dirigida às elites. Nunca vi um marlim nas peixarias ou restaurantes capixabas e muito menos sei o sabor de um. Já me disseram que sua carne não é de primeira. Por que, então, o marlim como nosso símbolo, inclusive espalhando sua figura pelas calçadas, nos orelhões? Não seria melhor o povo telefonar em painelas de barro ou em tartarugas (verdes ou caretas?) tão mais de nosso conhecimento?

E o peroá? Coitado do nosso popularíssimo e, esse sim, legítimo capixaba! Esqueceram o peroá! Mas, como, se o mesmo é lembrado em toda mesa de pobre, barraquinha de beira de praia e pode ser comprado, nas peixarias, a um real o quilo, mais barato do que frango no lançamento do plano real!

O peroá é tão importante na cultura capixaba que, segundo Basílio Daemon, em "Província do Espírito Santo", 1879, foi nome escolhido pela irmandade do Rosário para referir-se a seus membros, em oposição aos "caramurus", os devotos de São Benedito. A rivalidade entre "caramurus" e "peroás" era tão grande que a cidade de Vitória, ao final do século passado, dividia-se entre as

duas facções religiosas a parte Norte da cidade, até o final da Capixaba era o território dos "peroás" e a parte Sul, abrangendo toda a área do Campinho (atual Parque Moscoso e Vila Rubim), era dos "caramurus". Azul era a cor dos "peroás" e verde, a dos "caramurus". As festas principais dos "peroás" eram dia 25 de dezembro, o Natal; o dia 26 de dezembro, a do Menino Deus e o dia 27, com a procissão de São Benedito. (Elton, Elmo, "São Benedito. Sua devoção no Espírito Santo", 1988).

Agora,
escolher o
marlim azul é
puramente
uma jogada de
marketing

Portanto, no mês de dezembro, é época de recordarmos, também, a devoção popular dos "peroás" e (por que não?) retomarmos o nome desse peixe tão apreciado por capixabas o ano todo, e turistas, no verão. A caça ao marlim, esporte aristocrata, não tem nada de capixaba. O salto do marlim, que marketeiros querem tomar como símbolo de um Espírito Santo progressista, é um salto de valentia, mas, sobretudo, de agonia e morte. Como devoto de São Francisco de Assis, não vejo beleza alguma na crueldade com os animais. Por isso, abomino as touradas, as rinhas de galo, pittbul ou canário, os rodeios e a caça ao marlim. O

animal morto para a sobrevivência do ser humano é abençoado pelos deuses; o animal morto para enaltecimento da vaidade, do orgulho, da força física ou dos sofisticados equipamentos de caça e pesca é uma maldição. A natureza reverterá isso em força negativa para o seu agente. Portanto, nada de morte ao marlim, para transformá-lo em símbolo capixaba. Deixemo-no viver livre e valente nas águas de nosso oceano. Fiquemos com o nosso comuníssimo peroá, muito mais capixaba!

FRANCISCO AURÉLIO RIBEIRO é escritor e professor